

SADISMO NO CONTO A CAUSA SECRETA

Agta Nara Novaki dos Santos¹(Faculdades Secal)

Prof.^a Dra. Josiane Franzó²(Faculdades Secal)

Resumo: Diversos são os perfis psicológicos dos indivíduos de uma sociedade, em detrimento de cada ser possuir características específicas e interesses distintos. No conto de Machado de Assis, *A Causa Secreta* (1885), são exploradas as diversas faces da psique humana em suas personagens, destacando-se a figura de Fortunato, que no decorrer da narrativa apresenta sua real essência, que inicialmente aparenta ser de um homem nobre e prestativo, mas que na verdade saboreava o sofrimento alheio. É um sujeito sádico e que representa o que há de mais sombrio na sociedade, sendo esse o objeto de análise deste artigo. É retratado esse perfil de forma ampla, abordando epistemologicamente essa disfunção, embasado nos princípios de Marquês de Sade e Freud.

Palavras-chave: Psicologia. Causa Secreta. Sadismo.

SADISM EN EL CUENTO LA CAUSA SECRETA

Resumen: Diversos son los perfiles psicológicos de los individuos de una sociedad, en detrimento de cada ser poseer características específicas e intereses distintos. En el cuento de Machado de Assis, *La Causa Secreta* (1885), se exploran las diversas caras de la psique humana en sus personajes, destacándose la figura de Fortunato, que en el transcurso de la narrativa presenta su real esencia, que inicialmente aparenta ser de un hecho hombre noble y servicial, pero que en realidad saboreaba el sufrimiento ajeno. Es un sujeto sádico y que representa lo que hay de más sombrio en la sociedad, siendo éste el objeto de análisis de este artículo. Es retratado ese perfil de forma amplia, abordando epistemológicamente esa disfuncción, basada en los principios de Marqués de Sade y Freud.

Palabras clave: Psicológico. Causa secreta. Sadismo.

Sumário: 1. Introdução – 2. Sadismo na personagem Fortunato – 3. Construção do eixo temático: Da realidade para a literatura – 4. Considerações Finais – 5. Referências.

1. INTRODUÇÃO

¹Graduanda do 6º Período do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português / Inglês e Respectivas Literaturas, na Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda. (SECAL). agtanara18@hotmail.com

²Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). josiane@secal.edu.br

A condição psicológica humana é curiosa, em virtude de haver diversas personalidades na sociedade. Algumas delas expressam muitas virtudes, outras, porém, são camufladas, escondendo a verdadeira face do sujeito. No conto *A Causa Secreta* (1885), de autoria de Machado de Assis, retrata-se esse universo nas caracterizações das personagens.

Fortunato é a personagem que representa as mazelas da sociedade, possuindo características nada convencionais. Sua personalidade está presente, não apenas na obra ficcional, mas também no plano real. Aparentemente, demonstra-se bondoso, preocupado com o próximo, auxiliando nos momentos mais difíceis, como se de fato fosse digno de titulações humanitárias. No entanto, sob essa máscara há um ser desprezível, que se analisado minuciosamente, revela o lado negro de sua condição humana, que desfruta das situações angustiantes vividas por outras pessoas.

Essa personalidade remete a um distúrbio psicológico, pois não se enquadra nos padrões aceitáveis como plenos de consciência saudável. Essa disfunção é a fonte de estudo deste trabalho.

2. O SADISMO NA PERSONAGEM FORTUNATO

O conto machadiano desde o início apresenta indicativos curiosos referentes à personalidade de Fortunato, que se desenquadra dos arquétipos convencionais comportamentais definidos como normais. A princípio ele representa ter uma natureza comportamental incomum no meio social, solidário e atencioso com o sofrimento alheio.

Há no início do conto um episódio no qual Fortunato e seu amigo Garcia contemplam uma peça no teatro de S. Januário:

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouvia-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar,

cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. No largo da Carioca entrou num tálburi, e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada. (ASSIS, 1885, p. 2)

O recorte acima revela sucintamente o peculiar fascínio de Fortunato por situações aflitivas, tanto que ele alimenta uma expectativa pessimista no decorrer da peça que assiste. Quando nota que no desenrolar da farsa muda sua perspectiva, ou seja, encerram-se as cenas negativas, ele se desencanta e decide sair do teatro. Durante a trajetória ao Largo da Carioca, percebe alguns cães dormindo e, irresistivelmente, os agride covardemente com uma bengalada. Ele simplesmente o faz. Esse trecho impactante já demonstra a frieza do rapaz.

Entre as várias cenas que demonstram a personalidade de Fortunato há uma bem peculiar – Gouveia, um empregado do arsenal de guerra se encontra gravemente ferido e fica aos cuidados médicos. Durante o processo mais complicado, Fortunato dedica-se completamente ao ferido e, à medida que o quadro clínico dele vai resultando positivamente, ele passa a se desinteressar pelo rapaz. O narrador revela a expressão do protagonista analisada pelos olhos de Garcia:

Garcia estava atônito. Olhou para ele, viu-o sentar-se tranquilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças, e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma têmpora a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. De quando em quando, voltava-se para o estudante, e perguntava alguma coisa acerca do ferido; mas tornava logo a olhar para ele, enquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios. Fortunato saiu pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluída, desapareceu sem dizer ao obsequiado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e número. (ASSIS, 1885, p. 3)

Gouveia fica grato pela atitude do médico e vai até ele agradecer e acaba ficando surpreso com a recepção de Fortunato, que se mostra uma pessoa diferente do que ele conhecera, não compreendendo a atitude indelicada do homem que o havia ocorrido e se dedicado tanto:

Correu a Catumbi daí a seis dias. Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfatiada

e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouveia, defronte dele, sentado e calado, alisava o chapéu com os dedos, levantando os olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sair, e saiu. (ASSIS, 1885, p. 3)

À medida que vão estabelecendo uma amizade, Garcia começa a frequentar a casa de Fortunato e sua esposa Maria Luísa. Rapidamente ele percebe os dois extremos característicos entre o casal.

Gradativamente, Garcia interage cada vez mais com seu amigo e a esposa dele. Com isso, em um dos jantares na casa de Fortunato, ele relata à Luísa o episódio ocorrido na rua de D. Manoel, no que ela acaba por expressar surpresa quanto à ação de seu esposo. O homem descrito por Garcia em nada parecia com seu marido, por isso, o relato de Garcia foi recebido com surpresa:

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração. Fortunato sacudia os ombros, mas não ouvia com indiferença. No fim contou ele próprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silêncios, em suma, um estúrdio. E ria muito ao contá-la. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e oblíqua; o riso dele era jovial e franco. (ASSIS, 1885, p. 4)

Quanto mais cultivavam a amizade, mais Garcia analisava e começava a compreender seu amigo e uma cumplicidade se estabeleceu entre ambos. Desse fortalecimento de amizade resolvem abrir uma clínica, sendo que no primeiro momento Maria Luísa sente repulsa pela ideia pelo fato de ser constante um cenário angustiante – de dor, entretanto, se contém em expor o que pensa em relação a essa decisão.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a ideia tinha-se metido na cabeça ao outro, e não foi possível recuar mais. Na verdade, era uma boa estreia para ele, e podia vir a ser um bom negócio para ambos. Aceitou finalmente, daí a dias, e foi uma desilusão para Maria Luísa. Criatura nervosa e frágil, padecia só com a ideia de que o marido tivesse de viver em contato com enfermidades humanas, mas não ousou opor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. Verdade é que Fortunato não curou de mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi ele o próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas. Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da rua D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na própria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e aplaudia. Fortunato

estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos. (ASSIS, 1885, p. 5)

No decorrer da narrativa, Fortunato realiza em seu laboratório um projeto em que realiza experiências com animais. Pelo fato de ser algo desagradável aos enfermos, ele transfere todos os materiais necessários para sua casa, para trabalhar com seus planos maquiavélicos. Essa situação deixa Maria Luísa muito desconfortável e preocupada.

No começo de outubro deu-se um incidente que desvendou ainda mais aos olhos do médico a situação da moça. Fortunato metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, compleição nervosa, teve de os sofrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o médico e pediu-lhe que, como cousa sua, alcançasse do marido a cessação de tais experiências. (ASSIS, 1885, p. 5)

A maioria das ações apresentadas reforça a frieza constante de Fortunato. Aos poucos a personalidade dele vai adquirindo características mais obscuras, que o leitor vai descobrindo ao passo que vai emergindo na história. Um dos exemplos mais tétricos é quando Luísa fica horrorizada com o episódio envolvendo um rato. Garcia neste momento está na residência do casal e, se recorda do relato de Fortunato, que contou que havia aparecido um rato e que ele extraviou um documento. Esse acontecimento é digno de repulsa pela personagem de Fortunato, pois revela seu interior maligno, cruel. Ele se delicia com a sensação de tortura, com o sofrimento do rato. A descrição do esquartejamento do animal é bem rica em detalhes:

Garcia lembrou-se que na véspera ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levava um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

— Mate-o logo! disse-lhe.

— Já vai. E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado,

e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida. Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamosco e sangue. (ASSIS, 1885, p. 6-7)

Garcia, então, compreende essas ações e expressões e fica perplexo. Percebe em seu amigo o seu contentamento durante esse quadro que denota sua força motriz, sua causa secreta, que é revelada no seguinte trecho: "Castiga sem raiva", pensou o médico, "pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem" (ASSIS, 1885, p. 7). Após esse acontecimento, Fortunato zomba de sua mulher, pelo fato de quase ter desmaiado ao ver o rato. Na sequência, o narrador retoma a cena que inicia o conto, em que as três personagens estão no mesmo ambiente:

Maria Luísa defendeu-se a medo, disse que era nervosa e mulher; depois foi sentar-se à janela com as suas lãs e agulhas, e os dedos ainda trêmulos, tal qual a vimos no começo desta história. Não de lembrar-se que, depois de terem falado de outras coisas, ficaram calados os três, o marido sentado e olhando para o teto, o médico estalando as unhas. Pouco depois foram jantar; mas o jantar não foi alegre. Maria Luísa cismava e tossia; o médico indagava de si mesmo se ela não estaria exposta a algum excesso na companhia de tal homem. Era apenas possível; mas o amor trocou-lhe a possibilidade em certeza; tremeu por ela e cuidou de os vigiar. (ASSIS, 1885, p. 7)

Apesar de demonstrar uma personalidade sádica, Fortunato amava Maria Luísa. Quando descobriu que sua amada estava doente, permaneceu ao lado dela todo o tempo e fez de tudo para que ela melhorasse, chamou outros médicos, porém, ela estava com tuberculose. Obviamente que esse "cuidar" servia, também para nutrir o desejo de espreitar o sofrimento alheio – nesse caso, o de sua esposa.

Na noite do falecimento da mulher, Fortunato e Garcia ficam velando seu corpo, e, depois de horas acordados, Garcia aconselha o viúvo a descansar um pouco. Nesse momento ele aproveita para admirar pela última vez a face da moça. Não pode desfrutar desse romance em momento algum, mas cativava um amor puro e platônico, que se percebe no seguinte recorte do conto:

A comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava ao piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor do coração. Quando deu por ele, quis expeli-lo para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as coisas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada. (ASSIS, 1885, P. 5)

Beija-a na testa e nesse instante, Fortunato o observa silenciosamente, concluindo que aquele gesto não era simplesmente de um amigo. Contudo, ele não teve ciúmes, pois sabia que não havia se concretizado uma relação amorosa, como também sabia que aquele episódio expressava um sentimento do mais extremo sofrimento, ou seja, a perda do amor de sua vida. Algo irreparável.

Reveladas as obscuridades de Fortunato, que representa as mazelas mais íntimas da sociedade, conclui-se a obra com a seguinte cena descrita:

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa. (ASSIS, 1885, p. 8)

Em suma, visualizar e mensurar toda essa tristeza de Garcia era como uma droga para Fortunato, um bálsamo, um remédio para sua alma doente.

3. CONSTRUÇÃO DO EIXO TEMÁTICO: DA REALIDADE PARA A LITERATURA

Fortunato Gomes da Silveira, personagem do conto *A Causa Secreta* é um capitalista declarado, que revela ao leitor características psicológicas peculiares. A atmosfera martirizante a outras pessoas proporciona-lhe prazer, como foi exposto anteriormente.

Analisando o protagonista, percebe-se que há no meio social, figuras com os mesmos traços de personalidade. São indivíduos que mascaram sua essência, instigando as pessoas de seu círculo social a acreditarem cegamente em sua índole. Esses aspectos ao longo do tempo foram sendo observados e estudados por Sigmund Freud e serviram como eixo temático na obra machadiana.

O sadismo origina-se do nome de Marquês de Sade, o qual teve um histórico que inclui episódios que expressam a natureza humana em seu nível mais bizarro³.

Normalmente, quando algumas pessoas perversas realizam atos atroz, fica-se perplexo com os indivíduos que agem de tal modo, a ponto de considerá-los loucos ou até mesmo destituídos de humanidade.

A condição humana deixa a sociedade sujeita a inúmeras circunstâncias e reflexos das mesmas. Cada evento é único, porém, seus resultados afetam o ser humano que se assujeita-se. É nesse ponto que muitos são afetados de forma negativa. São casos particulares, mas não apenas existentes na literatura. São casos em que segundo a psicologia freudiana, são da natureza humana.

Desde a antiguidade, o sadismo esteve presente, como nas apresentações na Grécia, em que havia batalhas sangrentas. Diversos lutadores entravam em óbito e o público, enquanto assistia, contemplava o espetáculo com vinho e pão. Gradativamente, esse quadro transforma-se, mas ainda é presente esse descaso humano. Machado de Assis, consciente dos diversos tipos que circulavam na sociedade, compreende isso e cria sua personagem sádica em pleno século XIX.

Atualmente, podem-se apresentar outros exemplos que também envolvem o sadismo escancarado, especificamente, as apresentações de lutas de diversas modalidades, em que há um fluxo monetário gigantesco, há também uma veiculação

³ Donatien-Alphonse-François de Sade nasceu em Paris em 1740. Estudou em um colégio jesuíta, fez parte da cavalaria e foi mandado para combate na Guerra dos Sete Anos. O Marquês de Sade foi preso por diversas vezes pela acusação de extrema libertinagem e foi na prisão que ele passou a escrever suas obras, obras essas que também acabaram levando-o para a prisão (FERNOCHI, p. 1).

da mídia que divulga constantemente as práticas, enaltecendo as lutas de “vale tudo”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é o portal das possibilidades. Ela proporciona à sociedade, desde a Antiguidade, uma infinidade de histórias fictícias que fazem parte da nossa herança cultural. Muitas vezes é por intermédio da leitura que passamos a compreender melhor um povo, uma língua, uma cultura o mundo. E, à medida que buscamos o conhecimento, muitas vezes nos deparamos com fatos que estão ao nosso redor, mas nos são desconhecidos. Lendo, retiramos o véu que cobre nossos olhos e passamos a observar as situações por outra perspectiva.

Cada autor tem seu modo particular no processo da escrita: uns buscam temática na realidade que o cerca, outros em fatos históricos, há os que se utilizam de experiências pessoais e há, também, os que aliam todos esses fatores na hora de compor. O conto *A causa secreta* reúne a dicotomia SER versus PARECER para nos apresentar Fortunato.

5. REFERÊNCIAS

AMARAL, Mônica Teixeira. **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições?**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/download/34521/37259>. Acesso em: 16 de setembro de 2017.

ASSIS, Machado de. **A causa secreta**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000182.pdf>. Acesso em: 07 de junho de 2017.

FERNOCHI, L; GIANNATTASIO, G. **Sade e a sexualidade: a edição das obras do Marquês no Brasil nos anos 1960 (uma apresentação)**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/LeticiaFernochoi.pdf>. Acesso em 16 de setembro de 2017.